

Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira
(Organizadora)

A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar

 **Atena**
Editora
Ano 2022



Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira
(Organizadora)

A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar

 **Atena**
Editora
Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria



Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^o Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Edevaldo de Castro Monteiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^o Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^o Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^o Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^o Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



A cultura em uma perspectiva multidisciplinar

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C968 A cultura em uma perspectiva multidisciplinar /
Organizadora Heridan de Jesus Guterres Pavão
Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-974-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.742220702>

1. Cultura. I. Ferreira, Heridan de Jesus Guterres Pavão
(Organizadora). II. Título.

CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra intitulada “**A cultura em uma perspectiva multidisciplinar**” tem como foco principal a discussão científica, a partir da integração entre conhecimentos que subjazem as produções escritas, em áreas distintas. O volume aborda de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos que versem sobre a cultura, em contexto com a experiência e formação humana, entre outros temas materializados em pesquisas, relatos de casos e revisões que perpassam seus diferentes percursos, em diálogo com o contexto atual.

Tem como objetivo central trazer à tona questões acerca da cultura, em uma perspectiva multidisciplinar, onde o ser humano é o elemento central de reflexões e ações que se delineiam, ao longo dos vários capítulos. Constitui-se assim, o resultado de iniciativas individuais e coletivas, que abordam temas variados, que perpassam a geografia poética e os devaneios da floresta pandina boliviana, a preservação da memória do rock autoral; a relação da cultura do consumo com a degradação ambiental; o trabalho com as culturas lúdicas, no contexto da alfabetização, no ensino remoto; a Arquitetura e a Poesia Islâmica enquanto artes do mundo muçulmano, responsáveis pelo desenvolvimento de um tipo da música que constitui o Tarab.

Enfoca também, os atravessamentos, afetamentos e as desconstruções que emergem do convívio com estudantes indígenas na graduação e pós-graduação, bem como a falsa consciência, as deformações imaginárias e o cinismo, na ideologia do bolsonarismo; focaliza ainda, a superação de uma crise de paradigmas, enquanto estratégia organizada, por meio de um projeto político pedagógico, baseado na interculturalidade e interdisciplinaridade, para atingir uma autonomia e combater o conservadorismo estatal.

Não menos importante, a fim de que se compreenda as resignificações e resistências inscritas nos modos de ser jovem, em territórios estigmatizados, traz narrativas e experiências de sujeitos artistas, assim como, a contribuição, cooperação e a organização para o enfrentamento das desigualdades sociais e de gênero, a partir da articulação em redes de solidariedades, voltadas ao empoderamento feminino; apresenta também, a compreensão do ser humano como alguém participante do Deus encarnado, descrevendo ainda, o percurso de uma oficina de artes, em modo remoto, voltada para acadêmicos da educação profissional e tecnológica, no contexto de um projeto de ensino.

A obra “**A cultura em uma perspectiva multidisciplinar**” se materializa, pois, enquanto esforço e iniciativa da Atena Editora, na divulgação da produção científica de diferentes áreas, entre estas, a cultura, por meio de sua plataforma consolidada e confiável, oportunizando a socialização da temática, que se mostra enquanto valor intrínseco à vida humana.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A GEOGRAFIA POÉTICA E OS DEVANEIOS DA FLORESTA PANDINA BOLIVIANA

Francisco Marquelino Santana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207021>

CAPÍTULO 2..... 11

A HISTÓRIA ORAL COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA EM MEMÓRIA COLETIVA NA GENA ROCK DE VITÓRIA DA CONQUISTA-BA

Plácido Oliveira Mendes

Felipe Eduardo Ferreira Marta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207022>

CAPÍTULO 3..... 23

CULTURA DO CONSUMO: A EMERSÃO DO ATO DE CONSUMIR DENTRO DA CULTURA GLOBAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS AMBIENTAIS

Otoni Marques Moura de Leon

Priscila Pedra Garcia

Karine Ferreira Sanchez

Maiara Moraes Costa

Larissa Medianeira Bolzan

Diuliana Leandro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207023>

CAPÍTULO 4..... 32

CULTURAS LÚDICAS E ALFABETIZAÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO E APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Julyara Grace Vieira

Sabrina Maria de Souza Oliveira

Nair Correia Salgado de Azevedo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207024>

CAPÍTULO 5..... 48

ESTADOS ALTERADOS DE CONCIENCIA (EAC) EN LA PERCEPCIÓN DE LOS ESPACIOS RELIGIOSOS ISLÁMICOS

Alfredo Fredericksen Neira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207025>

CAPÍTULO 6..... 65

EU, NÓS E O OUTRO: EXPERIÊNCIAS COM ACADÊMICOS INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE

Daniele Gonçalves Colman

Gustavo dos Santos Souza

Carlos Magno Naglis Vieira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207026>

CAPÍTULO 7	75
FALSA CONSCIÊNCIA, DEFORMAÇÕES IMAGINÁRIAS E CINISMO: UMA DISCUSSÃO SOBRE A IDEOLOGIA POR MEIO DO BOLSONARISMO	
André Ranieri Queiroz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207027	
CAPÍTULO 8	89
GENTE DO JEITO DA GENTE – FAZENDO HISTÓRIA E EDUCAÇÃO NA FRONTEIRA BRASIL – BOLÍVIA	
Francisco Marqueline Santana	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207028	
CAPÍTULO 9	99
JUVENTUDE(S) PLURAIS: VOZES JUVENIS DE (RE)EXISTÊNCIAS NO GRANDE BOM JARDIM.	
Leila Maria Passos de Souza Bezerra	
Jamille Rodrigues Braga	
Benedita Beatriz Elias Dias	
Lívia Kelly da Silva	
Rayanne Rodrigues Valentim	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207029	
CAPÍTULO 10	121
MULHERES E RESILIÊNCIA: TECENDO REDES SOLIDÁRIAS NO SEMIÁRIDO	
Lourivânia Soares Santo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.74222070210	
CAPÍTULO 11	130
O SER HUNANO A PARTIR DO DEUS DA ENCARNAÇÃO: CONSEQUÊNCIAS PASTORAIS	
Gilberto Dias Nunes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.74222070211	
CAPÍTULO 12	137
OFICINA DAS CORES: DESAFIOS E CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE PROJETO DE ENSINO EM ARTES DE FORMA REMOTA	
Amanda Eloise Machado de Souza	
Beatriz da Silva Aquino	
Karen Alves dos Santos Soares	
Paola Teles Maeda	
Wilson Junior Feliciano	
Neirimar Humberto Kochhan Coradin	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.74222070212	
CAPÍTULO 13	149
A LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO E ACESSO À CULTURA POPULAR E	

AO ENTRETENIMENTO DE PESSOAS SURDAS

Clayton Gabriel Pavão Ferreira

Heridan de Jesus G. Ferreira

Thelma Helena Chahini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.74222070213>

SOBRE A ORGANIZADORA..... 160

ÍNDICE REMISSIVO..... 161

CAPÍTULO 1

A GEOGRAFIA POÉTICA E OS DEVANEIOS DA FLORESTA PANDINA BOLIVIANA

Data de aceite: 01/02/2022

Francisco Marquelino Santana

Doutor em Geografia pela universidade Federal de Rondônia, e vice – coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa dos Modos de Vida e Cultura amazônica – GEPCULTURA / UNIR

RESUMO: o presente artigo é parte integrante da minha tese de doutorado, intitulada: Os brasivianos do rio Mamu – modos de vida e a poética fenomenológica do viver. Pretendemos neste artigo elucidar a relevância da geografia poética e os devaneios da floresta pandina boliviana. Através do método fenomenológico da imaginação e de uma pesquisa participante de vivência conseguimos atribuir uma maior visibilidade a uma coletividade de seringueiros brasileiros que residiam nos seringais pandinos do rio Mamu: os chamados brasivianos. O rio Mamu fica localizado no Departamento de Pando, fronteira com o Estado de Rondônia no Brasil.

PALAVRAS – CHAVE: Geografia poética; Devaneios; Amazônia boliviana.

THE POETIC GEOGRAPHY AND THE REVISIONS OF THE BOLIVIAN PANDINA FOREST

ABSTRACT: this article is an integral part of my doctoral thesis, entitled: The brasivianos do rio Mamu – ways of life and the phenomenological poetics of living. In this article, we intend to elucidate the relevance of poetic geography

and the daydreams of the Bolivian pandina forest. Through the phenomenological method of imagination and a participant research of experience, we were able to give greater visibility to a collective of Brazilian rubber tappers who lived in the Pandino rubber plantations of the Mamu River: the so-called brasivianos. The Mamu River is located in the Department of Pando, bordering the State of Rondônia in Brazil.

KEYWORDS: Poetic geography; daydreams; Bolivian Amazon.

1 | INTRODUÇÃO

O Mamu é um exuberante rio boliviano que fica localizado no Departamento de Pando, e possui aproximadamente cerca de 164 Km de Extensão. A sua nascente é uma região pantanosa – considerada um habitat natural de sucuris – que emerge suas águas no Município de Santa Rosa Del Abuná na Província de Abuná. Em seguida, suas águas ingressam no Município de Ingavi, para posteriormente embelezar sua foz no Município de Santos Mercado na Província Federico Román, despejando suas águas escuras nas águas amareladas do rio Abunã, na fronteira com a Região da Ponta do Abunã, Município de Porto Velho, no Estado de Rondônia.

A Ponta do Abunã com o Departamento de Pando já foi considerada uma importante fronteira binacional, marcada por suas históricas correntes migratórias no contexto de diferentes espacialidades, territorialidades e

temporalidades.

A floresta boliviana do rio Mamu carrega no seu bojo uma exuberante riqueza mítica, condicionada a um vasto campo de singularidades e pluralidades que impregnado aos modos de vida daquela comunidade ribeirinha da Amazônia pandina boliviana, adquire uma contemplação transcendental poetizante, capaz de estabelecer em sua dimensão espiritual, um inebriante equilíbrio entre o homem em seu estado criador e a natureza com sua grandeza simbólico – cosmogônica.

Este equilíbrio estetizante faz com que o espaço vivido amazônico seja metamorfoseado diante de um profundo entrelaçamento entre o ser do ente, e os seres divinizados da natureza que os alojam em sua cosmopolita vastidão.

A poética que se segue está intrinsecamente ligada ao real e ao imaginário. Dentre uma diversidade mitológica que preenchem os devaneios brasivianos, neste trabalho nos dedicaremos especificamente ao estudo de quatro mitos: o menino boto, o caboclinho da mata, o velho da canoa e a mãe da seringueira. Em seguida a poética apresenta alguns aspectos reais que culminaram com o seu desencadeamento em relação a esses mitos, e de que forma esses mitos renunciaram seus poderes de atuação nos modos de vida brasivianos.

Além desta nota introdutória, o artigo é composto dos procedimentos metodológicos, da geografia poética e os devaneios da floresta pandina boliviana e por último as considerações finais.

2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A vivência devidamente imbricada nas atividades que entrelaça o homem a terra, vai dialeticamente transformando o espaço de ação, ao tempo em que também vai modificando os seus modos de vida. A presença do ente neste espaço será inevitavelmente lapidada pelas temporalidades.

É neste sentido que a fenomenologia como método de investigação ontológico não pode sofrer rupturas por parte do investigador, *“Tendo em vista que, nessa investigação, o termo ontologia é usado em sentido formalmente amplo, não se pode seguir o caminho da história das ontologias para se esclarecer o método”*, (HEIDEGGER, 2002, p. 56. [1936]).

Diante do exposto a nossa pesquisa se construiu a partir de uma perspectiva fenomenológica, onde o estudo do fenômeno torna-se parte integrante e imprescindível na valorização, vivência e investigação, no contexto das populações tradicionais da Amazônia pandina boliviana.

O “objeto” da nossa pesquisa são os seringueiros brasivianos do rio Mamu. Este rio fica localizado no Departamento de Pando, no Noroeste da fronteira boliviana com o Brasil. É nesta floresta onde está entrelaçada a coletividade brasiviana do qual nos propusemos utilizar o método fenomenológico, e tendo como suporte metodológico, a pesquisa

participante nesta região fronteiriça.

A pesquisa é participante porque *“deve-se partir da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações”*. (BRANDÃO, 2006, p. 41). Esta pesquisa torna-se de vivência, no nosso caso específico, não apenas no sentido do convívio com os atores, mas também no sentido indispensável de buscar conhece-los em seu ser.

É importante ressaltar que *“A relação entre sujeito e objeto é dialética, do que segue que não há propriamente ‘objeto’, mas parceiros da mesma jornada”*. (DEMO, 2004, p. 59). O autor esclarece ainda o seguinte:

A comunidade é, no fundo, o sujeito mais autêntico, aparecendo o pesquisador como figura de orientação, motivação, avaliação, planejamento. Politicidade do conhecimento, dos atores e da própria realidade aflora com toda força, tornando-se possível “fazer a hora, não esperar acontecer”. (DEMO, 2004, p. 89).

O ente seringueiro mantém uma relação impregnada à floresta e as águas, onde a terra torna-se o seu mais sagrado espaço de vivência humana. Podemos assim dizer que *“Em sua conduta e em sua vida cotidiana, em sua sabedoria lacônica carregada de experiências, o homem manifesta que crê na terra, que confia nela; que conta absolutamente com ela”*. (DARDEL, 2015, p. 93).

Na coletividade brasiviana do rio Mamu, onde possuímos uma convivência de mais de quinze anos, o fator de pertencimento daquela comunidade ribeirinha à floresta, nos conduz a de fato, ter escolhido a fenomenologia como o mais aproximado método de pesquisa que combine com os modos de vida dos entes em suas temporalidades.

3 | A GEOGRAFIA POÉTICA E OS DEVANEIOS DA FLORESTA PANDINA BOLIVIANA

A geografia poética que se segue está intrinsecamente ligada ao real e ao imaginário. Dentre uma diversidade mitológica que preenchem os devaneios brasivianos, neste trabalho nos dedicaremos especificamente ao estudo de quatro mitos: o menino boto, o caboclinho da mata, o velho da canoa e a mãe da seringueira. Em seguida a poética apresenta alguns aspectos reais que culminaram com o seu desencadeamento em relação a esses mitos, e de que forma esses mitos renunciaram seus poderes de atuação nos modos de vida brasivianos.

Para Loureiro (2001), é possível que a contemplação devaneante seja uma das atitudes do caboclo, do homem amazônico, propiciadoras de um ethos próprio em sua cultura, gênese dessa teogonia do cotidiano que vai povoando de deles e mitos os rios e a floresta. Desta forma, esta convivência é dotada de um sentimento que influencia o próprio comportamento do homem ribeirinho, conforme relata Loureiro (2001, p. 194):

Um povoamento de seres com os quais os homens convivem sob a dominância

de um sentimento estetizador que tece a teia dessa cultura, fator de coesão social e condicionador de comportamentos.

O mítico, desta forma, passa a fazer parte do ser do homem amazônico em sua essência, modelando seus fazeres e fortalecendo o sentido de pertencimento com a terra.

Os saberes brasivianos não se encontram ofuscados ou distanciados de sua floresta mitológica – cosmogônica, pois são aspectos que se fundem no seu espaço e tempo, confirmando que não há aversão entre os fazeres cotidianos e o mundo surreal. Ambos estão atrelados às experiências do vivido e entranhados à natureza inebriante do rio Mamu. São nas águas deste caudaloso rio que vive o menino boto.

Antes de ser transformado em boto, o menino brasiviano vivia contemplando a natureza e admirando a beleza das águas do rio que alimentava sua gente. Esta admiração era recíproca, e as águas também viviam a admirar a beleza do menino. O entranhamento de ambos foi enfim consagrado pela natureza. O menino despediu-se do batelão, caiu na água num inexplicável acidente e jamais fora encontrado pela família. Mais tarde, o consolo da família brasiviana foi saber que o menino continuava a viver em liberdade nas águas do Mamu.

O menino boto possui uma íntima relação com as águas do rio Mamu, e segundo dizem os seringueiros brasivianos, ele era uma criança que caiu na água e virou boto. Bachelard nos esclarece que *“para alguns sonhadores, a água é o movimento novo que nos convida à viagem jamais feita”*. (1989, p. 78).

Diferentemente do boto da Amazônia, onde a mitologia narra que o boto é sedutor e engravida mulheres, o brasiviano Leonardo Fragoso nos conta em sua narrativa que o menino boto era um menino de verdade, e nos dá uma nova versão sobre ele:

Na verdade, ele era um menino mesmo. Todo mundo sabe disso aqui no Mamu. Conhecemos até os parentes dele que ainda moram aqui em Extrema. Era um menino normal como qualquer outro. Um dia ele foi no Mamu de batelão e caiu dentro d'água. A mãe dele estava junto e viu quando ele caiu. Todo mundo ficou procurando ele, nadando, nadando e nada de achar o menino. Aí esse menino se virou em um boto e vive do Mamu até o Abunã. É o que todo mundo conta. (FRAGOSO, 2013).

Segundo narra Loureiro (2001), O Boto epifanizado em rapaz vestido de branco pode surgir em uma festa de danças, sem que ninguém o conheça ou o tenha convidado. Ele destaca-se pela habilidade na dança e pelas maneiras elegantes como se apresenta vestido, e segundo o autor:

Ele pode, de outra maneira, aparecer no quarto e deitar-se na rede com a mulher que pretende seduzir e amar. Pode também engravidar as mulheres que, estando menstruadas (ou enluadas, segundo a palavrada linguagem cabocla de origem indígena), o tiverem olhado de perto, seja de um tombadilho de um barco, seja de algum lugar à beira de um rio. (LOUREIRO, 2001, p. 209).

Este enigmático ser brasiviano está enleado à exuberância da floresta pandina

sendo contemplado em seu híbrido habitat. Com seus idílicos saltos, ele não teme nenhuma insídia humana, pois sabe que o espírito de elo brasiviano, evita qualquer ação lutulenta. Sua exímia habilidade brilha aos olhos das crianças ribeirinhas, que se encantam com suas implacáveis travessuras na mais profunda liberdade das águas pandinas, margeando-se com sua perspicácia para um lado e outro do rio.

O menino boto consegue sentir a tristeza nos olhos de uma criança. Inicia-se então um magistral ritual de revivificação da alma ribeirinha. O tempo tórrido às margens do rio Mamu começara a ruir, enquanto a natureza divinizada em sua extrema exaltação, transformava o sol ardente numa encantaria de brisas suaves que invadia o tapiri onde encontrava-se uma rede estendida pouco acima do seu assoalho de paxiuba¹, a rede acolhia a infelicidade de uma criança que acabara de perder seu irmão para uma mortal e nefasta febre.

Com a tristeza afugentada, a criança volta a deslumbrar-se com a magnitude florestal pandina. O menino boto não permite que a criança entre na água e ela corre por entre as árvores numa velocidade jamais vista. O mesmo movimento realizado nas águas pelo menino boto, era também feito pela criança ribeirinha na floresta.

Depois de muito esforço os pais da criança conseguem agarrá-la, e dobrando os joelhos no chão, iniciam um longo processo de oração para mantê-la firme. A forte oração faz a criança adormecer de felicidade, e o menino boto só permitiu sua entrada no rio, depois que ela retornasse ao aconchego de sua rede e sonhasse profundamente no devaneio de suas águas.

Na complacência do sonho e na liberdade consuetudinária das águas, a criança ribeirinha abraça o menino boto e ambos viajam imbricados na pureza do Mamu sem que haja martírio ou aversão à exuberância da natureza imaculada. Bachelard nos esclarece que *“para alguns sonhadores, a água é o movimento novo que nos convida à viagem jamais feita”*. (1989, p. 78). O autor nos diz ainda que água nos leva, nos embala, nos faz adormecer e nos devolver a nossa mãe. O sonho e a água estão agora entrelaçados, e na essência deste epifânico encontro, os personagens tornam-se divinizados.

Na sublime viagem da poética mitológica pandina, a criança ribeirinha no mais profundo sono e o menino boto em sua divindade, vislumbram o esplendor da materialidade da água, impregnada à morte em liberdade. Um encontro ontológico celebrado na exaltação e exuberância cósmica do rio Mamu.

Nos devaneios poéticos de “a água e os sonhos”, Gaston Bachelard viaja em seu

1 Palmeira que dá uma madeira muito usada, não pela qualidade, mas por três motivos: dá em todo lugar, é fácil de derrubar e não se estraga com a chuva. Essa madeira, fibrosa e muito resistente, dá excelentes tábuas para paredes, assoalhos e cercas. A paxiuba é o concreto ecológico do seringal, é a mais usada na construção das barracas, tapiris ou depósitos, nas colocações floresta a dentro. O troco é partido ao meio ou em duas bandas; (Iriarte exorriza) habitante de igapós, ou terras baixas e que mede entre 10 ou 15 metros de altura. O estipe é sustentado por um pedestal de raízes aéreas tão ásperas e duras que servem de ralo, e a madeira é escura e fibrosa. Temos três espécies; paxiubão, paxiuba e paxiubinha, ou paxiubinha de macaco; o tronco é fininho e os macacos comem as frutinhas. Serve como ripa de cerca. Para tirar o “bucha” da paxiuba, tem que bater o pano, bater no troco com o machado, abrir ao meio e passar a enxada para tirar a polpa (bucha); tem uma durabilidade de até dez anos. (Ranzi, 2017, p. 77).

imaginário para dar sustentação a ideia de que o estado de imaginação da água, corresponde a um sonho de limpidez e de transparência. O autor nos revela que as águas preenchem uma função psicológica relevante, que é, por exemplo, o de absorver as sombras e oferecer um túmulo a tudo que diariamente morre em nós. E assim, poetiza Bachelard (1989, p. 69): *“Eis, portanto, por que a água é a matéria da morte bela e fiel. Só a água pode dormir conservando sua beleza; Só a água pode morrer, imóvel, conservando seus reflexos”*.

No entranhamento da água com o sonho, o menino boto e a criança ribeirinha, realizaram uma viagem encantadora e transcendental nas peculiaridades estetizantes do rio Mamu. Nas encantarias aprazíveis da poética brasiviana, o menino boto após embelecer os devaneios de uma fronteira apátrida, decide retornar ao brioso tapiri e devolver o espírito da criança brasiviana ao aconchego telúrico de sua rede. A criança acorda às margens do suntuoso rio, e com um deslumbrante sorriso, despede-se do iminente amigo com quem brincara na magnitude e híbrides do imaginário pandino brasiviano.

A geografia poética combate os atos aviltantes, a aversão e a beligerância da sociedade envolvente contra a natureza divinal.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A fronteira da Região da Ponta do Abunã no Estado de Rondônia com o Departamento de Pando na Bolívia, nos coloca diante de sua historicidade como a fronteira do humano. Uma fronteira pouco pesquisada no contexto da investigação científica, mas não pode ser considerada uma fronteira desconhecida. É nesta fronteira onde espacialidade e territorialidade se fundem na construção de identidades ancoradas nas temporalidades do ser do ente.

Estes modelos de desenvolvimento exercem uma profunda hostilização aos valores humanos, e como consequência, as identidades culturais são extintas, enquanto uma fronteira que outrora foi habitada e protegida pelos guardiões da floresta, veio a se tornar um caminho aberto ao ilícito. A morte em vida é também a perda do pertencimento de uma coletividade que foi desapossada do seu imaginário. A terra atual não devolverá jamais esta extinção do mundo simbólico.

A geografia poética se aloja na alma das populações originárias e tradicionais da floresta da Pan – Amazônia. Os seringueiros brasileiros se transformaram em brasivianos e continuam lutando e resistindo contra o modelo avassalador de desenvolvimento imposto aos povos da floresta.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver – uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Editora Elefante, São Paulo, 2018.

ARKONADA, Katu. **Descolonização e viver bem são intrinsecamente ligados**. IHU. On-line, 2010.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, Gaston. **A Poética dos Devaneios**. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. **A Terra e os Devaneios da Vontade**. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**. São Paulo, Martins Fontes, 1989a.

BANIWA, André Fernando. **Bem viver e viver bem. Segundo o povo Baniwa do Noroeste amazônico brasileiro**. VIANA, João Jackson Bezerra; LUBEL, Aline Fonseca. (ORG). Curitiba, Editora UFPR, 2020.

CASTR, Ricardo Gonçalves. **Ecoética amazônica – o bem viver e o princípio de responsabilidade de Hans Jonas**. Curitiba, Editora CVR, 2019.

CARIAS, Celso Pinto. **Nem normal, nem novo normal, mas bem viver**. Instituto Humanitas Usininos, 07-07-2020.

COLQUE, Abraham. **O indígena não é coisa do passado, ele é um projeto de futuro**. IHU on-line. 24 – 03 – 2011.

CITELLI, ADILSON. **Linguagem e persuasão**. São Paulo, Editora Ática, 2007.

COHEN, Jean. **Estrutura da linguagem poética**. São Paulo, Editora Cultrix, 1974.

COUTO, Alexandre & COUTO, Judith. **KAXARARI**, Miguel, Edmilson, Clemilda, Aldeir.

Cartilha Kaxarari (1). Porto Velho, Sociedade Internacional de Linguística, 2005.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. São Paulo, Perspectiva, 2015.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo, Editora Atlas S.A, 2009.

DIAS DE ASSIS, Nívia Paula. **(Cosmo) Ontologias indígenas no semiárido**. Fortaleza, Em Perspectiva, Revista do PPGH/UFC, 2020.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Pesquisar, Participar: Sensibilidades Pós-Modernas**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. **Pesquisa participante: O saber da partilha**. 1ª edição. Aparecida – São Paulo, 2006.

GORDON, César. **Bem viver e propriedade: o problema da diferenciação entre os Xikrin – Mebêgôkre (Kayapó)**. Revista MANA, N. 20, p. 95 – 124, 2014.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo, Perspectiva, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo, Paz e terra. 1997.

GADOTTI, Moacir. **Construindo a escola cidadã**. Brasília, 1998.

HEIDEGGER, Martin. **Que é isto a filosofia? Identidade e diferença**. Livraria duas cidades, São Paulo, 1971.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Ontologia (Hermenêutica da faticidade)**. Petrópolis, Editora Vozes, 2ª edição, 2013.

WILDE, Guillermo. **Bem viver indígena, muito além do Welfare State**. Instituto Humanitas Usininos – IHU, 29-11-2015.

HOLZER, Werther. **A discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente**. In: Revista Território, Rio de Janeiro, ano IV, (7), 1996, p. 70

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo, Cortez editora, 2ª edição, 1999.

HOLZER, Werther. **Mundo e lugar: Ensaio de Geografia fenomenológica**. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

MARANDOLA, Eduardo. **Lugar enquanto circunstancialidade**. In: **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

MEJÍA, Milton. **Desenvolvimento, bem viver e busca de alternativas**. ALAI AMLATINA. Tradução de André Langer. Extraído de Instituto Humanitas Usininos, 27-07-2016.

MELO, Elson. **Mata virgem**. Manaus, edição do autor, 1981.

NUNES, Débora. **Bem viver, elemento para o pós – capitalismo?** Outras palavras, 14-09-2017.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Sistematização das experiências: Algumas apreciações**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. Pesquisa participante: O saber da partilha. 1ª edição. Aparecida – São Paulo, 2006.

KAWA, Nick. **A virada ontológica e a Amazônia: um diálogo** (completo). Amazônia latitude.com, 2017.

KAXARARI, Kamakuna. Marcondes Kaxarari. Entrevista. Março de 2021. Aldeia Paxiuba.

KOPENAWA, Davi; Albert, Bruce. **Palavras de um xamã Yanomami**. Companhia das letras, 2015.

LESBAUPIN, Ivo. **Para salvar a humanidade do desastre: “o bem viver”**. Portal das CEBs, 28-05-2018.

LIEBGOTT, Roberto. **O pacto de morte contra os índios e contra o bem viver**. Revista IHU on-line. N. 478, 30-11-2015.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: Uma poética do Imaginário**. São Paulo, Escrituras, 2001.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A arte como encantaria da linguagem**. São Paulo, Escrituras, 2008.

BEM VIVER GLOBAL, **Manifesto** pelo. OPLAS. 14-11-2020.

PACINI, Aloir. **Bem morrer é um alerta para o bem viver**. Instituto Humanitas Usininos, 10-06-2020.

PARMIGIANI, Tânia Rocha. **Poesia na escola: presença/ausência**. Dissertação de Mestrado. Universidade estadual de Campinas-Unicamp, 1996.

PITMAN, Thea. **Bem viver: linguagem, criatividade e criticidade**. Revista Periferias, 2019.

RANZI, Pedr. **Vamos falar o acreanes**. Rio Branco, Edufac, 2017.

REZENDE, Maria Idalina Monteiro. **A linguagem jurídica e sua expressão no contexto ribeirinho: a justiça itinerante no baixo madeira**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Rondônia. Guajará – Mirim – Rondônia, 2010.

SANTANA, Francisco Marquelino. **Os brasivianos do rio Mamu: Modos de vida e a poética fenomenológica do viver**. 2019. 333 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2109.

SARAMAGO, Lígia. **Como ponta de lança: O pensamento do lugar em Heidegger**. In: Qual o espaço do lugar. MARANDOLA, Eduardo; W, Holzer; Oliveira, Lígia de. São Paulo, Editora Perspectiva, 2014.

SCHAVELZON, Salvador. **Bem viver e autonomia nos territórios indígenas Latino – Americanos**. Revista Periferia. 2019.

SILVA. Marcia Alves Soares da. **Por uma Geografia das Emoções**. *GEOgraphia*, v. 18, n. 36, p. 99-119, 2016.

SILVA, Josué da Costa Silva. **Cuniã: Mito e lugar**. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, São Paulo, 1994.

SOLÓN, Pablo. **Alternativas sistêmicas – Bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da mãe terra e desglobalização**. Editora Elefante, São Paulo, 2019.

SOUSA, Gladys Cavalcante. **Aspectos da fonologia da língua Kaxarari**. Campinas, dissertação de mestrado, biblioteca central da Unicamp, 2004.

STRECK, Danilo Romeu. **Pesquisar é pronunciar o mundo: Notas sobre método e metodologia**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. Pesquisa participante: O saber da partilha. 1ª edição. Aparecida – São Paulo, 2006.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues & FONSECA, Dante Ribeiro da. **História regional (Rondônia)**. Porto Velho, Rondoniana, 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A perspectiva da Experiência**. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina, Edel, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **The Good Life**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1986.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A floresta de cristal: Notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos**. São Paulo, n. 14/15, p. 1-382, 2006.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acesso à cultura 149, 152

Afetamentos 65, 66, 72, 73

Alfabetização 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 47

C

Categorias de história oral 11

Cenas musicais 11

Cinismo 75, 77, 84, 85, 86, 87

Consequências pastorais 130, 131, 135

Cultura 1, 3, 4, 9, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 40, 41, 43, 46, 48, 57, 62, 65, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 88, 89, 91, 97, 100, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 115, 116, 119, 121, 125, 127, 131, 140, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 158, 159, 160

Cultura do consumo 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31

Cultura global 23, 25, 27, 30

Cultura moderna 26, 131

Culturas lúdicas 32, 34, 35, 45

D

Deformações imaginárias 75, 77, 80, 81, 82, 83, 86

Desigualdades sociais 25, 46, 103, 107, 117, 121, 127

Diálogo com as ciências 133

E

Empoderamento feminino 121

Encarnação 106, 130, 131, 132, 133, 135, 136

Ensino remoto 13, 32, 34, 39, 40, 44, 45, 46, 138, 141

Entretenimento 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157

Espaço público 109, 111, 112, 114, 115, 116, 130, 131, 133

Espaços 13, 67, 70, 72, 73, 100, 101, 102, 106, 109, 111, 112, 114, 116, 117, 119, 122, 123, 126, 127, 151, 159

G

Gênero 13, 17, 20, 67, 79, 84, 86, 93, 99, 117, 121, 122, 123, 125, 127, 129

Geografia poética 1, 2, 3, 6

H

História oral 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22

I

Inclusão 35, 39, 91, 94, 125, 149, 153, 154, 155, 158, 159

Intérpretes 50, 88, 150, 151, 156, 158

L

Legalização e normatização do ensino remoto 32

Lei da libras 151

M

Memória coletiva 11, 13, 17, 18, 19, 20, 21, 22

Modos de vida 1, 2, 3, 9, 89, 97, 105, 107

Mulheres 4, 16, 68, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129

Mulheres e resiliência 121, 128

P

Pandemia do Covid-19 32

Pessoas surdas 149, 150, 151, 153, 154, 158

Projetos de ensino 142

R

Redes solidárias 121, 122

Resiliência 121, 122, 125, 126, 127, 128

S

Ser humano 19, 29, 49, 58, 59, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 153

Sociologia da infância 33, 35, 46

V

Vozes juvenis 99

A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A cultura em UMA PERSPECTIVA multidisciplinar

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

